



Folha de Sala

Serge Daney, in La maison cinéma et le monde, 2. Les Annés Libé

[...] O que nutriu esta geração da “Nouvelle Vague” é uma curiosa mistura de elitismo e de populismo (o que me parece muito francês). Este é um fio que se pode seguir ao longo da história dos *Cahiers* e que, claro, se pode criticar. Eu sinto-me evidentemente incluído nisso, nessa dificuldade de ter interesse na via medíocre... O que era “elitista” nessa atitude? Que pessoas que tinham uma cultura mais literária, mas não muito avançada (o “baccalauréat”¹ pouco mais), tivessem “defendido” a vertente mais *escrita* do cinema francês: Renoir, Bresson, Cocteau e até Guitry e Pagnol, contra o “cinema de qualidade” que era fundado sobre uma concepção académica da “adaptação literária”.

DEUX HOMMES DANS MANHATTAN DOIS HOMENS EM MANHATTAN

*Nova Cópia Digital Restaurada

Um filme de Jean-Pierre Melville

* Inédito comercialmente em Portugal

Síntese

Um delegado francês das Nações Unidas desaparece abruptamente. O repórter Moreau e o fotógrafo Delmas são enviados à sua procura. A única pista que existe é uma fotografia de três mulheres.

Actores

Pierre Grasset, Christiane Eudes, Ginger Hall, Colette Fleury, Monique Hennessy, Glenda Leigh, Jean Darcante, Michèle Bailly, Paula Dehelly, Nancy Delorme, Carole Sands.

Equipa Técnica

Realização – Jean-Pierre Melville
Argumento – Jean-Pierre Melville
Direcção de Fotografia – Nicolas Hayer
Montagem – Monique Bonnot
Música – Christian Chevallier, Martial Solal
Produtor – Florence Melville, Alain Térouanne

Características Técnicas

Ano de Produção: 1959
País: França
Duração: Aprox. 84 min
Classificação: M/12

Manhattan revisitado, Jean Domarchi.

[...] É preciso compreendê-los² também como pretextos para falar das mulheres. Melville é um dos muito raros cineastas a gostar de mulheres. Não cai na misoginia fácil de alguns realizadores, precisamente por causa da sua lucidez. Ele toma, como Sacha Guitry, as mulheres tal como são. Ele aceita como um dado adquirido a sua perversidade natural, a sua aptidão inata à mentira e, sendo sem ilusão, pode amá-las a seu bel-prazer. Então não se trata de uma admiração puramente plástica (ainda que Melville saiba gabar com discrição o corpo das suas heroínas), trata-se de uma cumplicidade feita de ternura. A personagem de Isabelle Corey parece-me, deste ponto de vista, reveladora. Melville revela-nos uma pessoa jovem da burguesia cujas virtualidades perversas não lhe escapam. Ele revela-a a ela própria, coloca em plena luz a sua mistura de inocência e de perversidade, sabe captar um olhar turvo e claro ao mesmo tempo. O talento de um encenador reside em parte no seu sentido da metamorfose. Parabéns então a Melville, por ter devolvido uma jovem rapariga à sua verdadeira natureza. O erotismo, que é muitas vezes um pretexto para evocações obscenas, encontra aqui a sua verdadeira destinação cinematográfica, porque ele mostra precisamente como esta jovem rapariga predisposta (eu diria quase predestinada) à perversidade, acede a esta perversidade. É menos interessante mostrar alguém que já é perverso que alguém que passa a sê-lo. E isto em *Bob* nunca é dito (trata-se aparentemente de um simples idílio), mas é mostrado a cada instante. A galeria de mulheres em *Dois Homens em Manhattan* é deslumbrante. Melville evoca cada

² O autor está a falar de dois filmes de Jean Pierre Melville: *Dois Homens em Manhattan* e *Bob*.

uma delas em atitudes significativas, poses e gestos reveladores, permitindo-nos sonhar com elas (o que é que era Gloria antes de se tornar *call-girl*? o que é que a filha de Favre-Berthier é verdadeiramente?).

Falar de amizade, das mulheres, eis o que me pode contentar, e acomodo-me muito bem com a trama muito tênue do guião de *Manhattan*. Pode-se contar um simples facto e ser muito apaixonante. E é talvez uma das vocações do cinema: ser capaz de não contar uma história com reviravoltas para ocupar-se apenas com aquilo que está “ao-lado”. Não é preciso intriga quando se sabe falar à balda dos sujeitos que nos interessam; é-se livre de abrir parênteses imprevistos e de se perder em digressões frutuozas. E, ainda por cima, se se é louco por cinema e um excelente realizador, o deleite é completo. Gosto particularmente da encenação de *Dois Homens em Manhattan* que se recusa às facilidades dos movimentos de câmara (este lugar comum do cinema de hoje). Apenas dois *travellings*! Acrescenta-se ao nosso prazer uma modéstia elegante, servida por uma fotografia “americana” graças a Nicolas Hayer, que seguiu magistralmente as indicações de Melville. Que ninguém se queixe do tamanho do prato que nos é servido. *Manhattan* é muito rico. Faz-nos sentir o que é Nova Iorque, esta cidade monstruosa e esplêndida (o paraíso dos amantes de cidades), e passeia-nos por lugares que a maior parte do tempo negligenciamos.

Gosto que um noctívago impenitente nos faça partilhar do seu prazer pela descoberta. Existem de facto lugares de predileção para os noctívagos cujo charme é indiscernível para quem não tem a tentação dos prazeres nocturnos. Os devaneios de um caminhante solitário podem não ser campestres. Os camarins de um *music-hall* ou de uma *boîte*, um bar deserto ao bater das seis horas, podem ter um charme tão autêntico como uma mata ou um vale. Agradecemos a Melville por nos ter restituído o sabor indefinível de uma noite de inverno numa cidade bíblica, que os deambuladores, em perseguição de um mistério perfeitamente decifrável, se oferecem ao luxo de apreciar. Os nossos contemporâneos já não sabem o que é flunar. Riem-se dos longos passeios de automóvel e reclamam uma história. Dois franceses em Manhattan não precisam de se lembrar dos filmes americanos para saber o que é Nova Iorque. Melville coloca ao serviço da sua paixão uma inspiração revigorante. Não há nenhuma má consciência e nenhuma provocação na sua discreta apologia dos prazeres escondidos que uma cidade cosmopolita propõe aos seus visitantes. Ele sabe extrair daí a poesia oculta e transformar esse chumbo em ouro. Um realizador realista teria colocado avidamente em evidência o sórdido e o ignóbil desses lugares de prazer. Mas J. P. Melville não é um moralista, menos ainda um moralista cristão. Ele sabe tirar proveito do *New York by night*, que consigo resplandece intensamente. Não é um turista a precisar de atracções equívocas: ele está, como Baudelaire, atento aos prestígios indefinidamente renovados das noites ofuscantes de luz de uma metrópole imensa.

E se alguém me diz: “*Dois Homens em Manhattan não é cinema*”, eu respondo: “Não, não é cinema, é poesia”.